

O papel da L1 e da L2 na aquisição lexical de português L3

Jorge Pinto

jalpinto@clul.ul.pt

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Os estudos sobre a aquisição de língua terceira (L3) têm vindo a aumentar ao longo dos últimos anos, fruto do crescente interesse dos investigadores pelo multilinguismo. Alguns destes estudos destacam as diferenças que existem entre a aquisição de uma L2 e a de uma L3, desenvolvendo uma área de investigação específica. Neste contexto, é nossa intenção apresentar um estudo sobre a aquisição lexical em português L3, por alunos com inglês como língua materna, no qual destacamos a influência das línguas não maternas previamente adquiridas na construção da interlíngua e os fatores que estão envolvidos neste processo. Os participantes no presente estudo são alunos que frequentaram o curso de português língua estrangeira na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Para o estudo em questão foi analisado um corpus escrito e foram identificados todos os casos de transferência linguística, ao nível lexical. Com esta análise, procuramos responder a algumas questões de investigação como saber que fatores afetam a transferência lexical, que línguas são ‘fonte’ de transferência e qual o resultado da transferência lexical na produção escrita de português L3. Os resultados mostram-nos que a L1 nem sempre assume um papel predominante na aquisição de uma L3, especialmente ao nível do léxico, devido a alguns fatores que condicionam a primeira e influenciam a transferência a partir da(s) L2. Neste caso, as línguas estrangeiras românicas que os alunos dominam (nomeadamente, o espanhol e o francês) têm uma maior relevância do que a L1, uma língua germânica, tipologicamente mais distante.

Palavras-chave: aquisição de terceira língua; transferência lexical; português língua estrangeira

Introdução

A fonte de transferência linguística para a interlíngua de um sujeito que aprende uma primeira língua estrangeira é claramente a sua língua materna. No entanto, identificar a fonte de transferência linguística para a interlíngua de um falante plurilingue já não nos parece tão óbvio. Precisamente, porque um aluno, que já domina, para além da sua L1, pelo menos mais uma língua, estrangeira ou segunda, possui um conhecimento distinto de outro que inicia a sua aprendizagem de uma primeira língua não materna. Trata-se de um processo que envolve o conhecimento de todas as línguas presentes na mente do aluno (Jarvis & Pavlenko 2008). Este já desenvolveu mais a sua consciência linguística e adquiriu estratégias de aprendizagem que lhe facilitam o acesso à L3 (González Piñeiro, Guillén Díaz & Vez 2010; Rothman, Iverson & Judy 2011; Thomas 1992), sendo, pois, mais experiente e possuidor de um diferente tipo de competência (Cook 1996; Jessner 1999; Grosjean 2001).

É neste contexto que temos de analisar o processo de aquisição do português língua estrangeira (PLE), tendo em conta o seu contacto com outras línguas que já constituem o repertório linguístico dos sujeitos. A aquisição de PLE, neste sentido, faz-se estabelecendo

pontes com os conhecimentos já adquiridos noutras línguas e construindo novos conhecimentos na nova língua-alvo. Por conseguinte, quando se ensina português como L3, não se pode esquecer, nem ignorar, que os alunos já possuem um conhecimento linguístico prévio em duas ou mais línguas que influenciará a compreensão, a produção e o desenvolvimento daquela.

Com este artigo, pretendemos apresentar um estudo realizado com alunos universitários, que adquirem o português como L3. São alunos, falantes de inglês como língua materna, que se encontram expostos a pelo menos uma língua estrangeira, em diferentes contextos de aprendizagem – formal e informal. Foram analisados dados recolhidos de 62 produções escritas de alunos que frequentaram o curso de português língua estrangeira na FLUL, com o objetivo de verificarmos qual (ou quais) a(s) língua(s) previamente adquirida(s) é (são) fonte de transferência linguística, ao nível lexical.

1. Aquisição de L3: breves considerações teóricas

A investigação sobre a aquisição de uma língua terceira é recente, desenvolvida sobretudo desde o início deste século, e impulsionada por autores como Jessner (op. cit.), Herdina e Jessner (2000), Cenoz (2001, 2003), Cenoz, Hufeisen e Jessner (2001) que apresentaram estudos procurando demonstrar que a aquisição de uma L3 difere em vários aspetos da de uma L2. Para além de outras diferenças, Rothman, Iverson e Judy (op. cit.: 7) referem que os alunos de uma L3 “(...) have more sources for initial state hypotheses than a monolingual L2 learner”. Alguns anos antes, já Odlin (1989: 27) defendia que na aquisição de uma nova língua estrangeira a interlíngua era o resultado de “(...) similarities and differences between the target language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired”, tomando em consideração quer o conhecimento da língua materna quer de outra(s) língua(s) não materna(s). Mais tarde, também Sharwood Smith (1994) incluiu na sua definição de transferência a influência da L1 e de outras línguas previamente adquiridas na aprendizagem de uma nova língua estrangeira. Alguns estudos posteriores a estes (e.g. De Angelis & Selinker 2001; Hammarberg 2001; Ringbom 2001; Jessner 2008; Molnár 2008) comprovaram inclusive que as transferências podem ocorrer principalmente a partir da L2 e não da L1. É interessante verificar, nestes casos, que durante a produção da L3 um aluno produz frequentemente formas da interlíngua que consistem parcialmente ou completamente em formas da L2.

(...) the active language with the highest level of activation is the preferred source of lexical information. Access to lemmas of languages that have a lower level of activation is partially blocked. It appears that the L1 is not necessarily always the dominant active language and that access to its lemmas could accordingly be limited (Dewaele 1998: 488)

O facto de um aluno possuir mais do que uma língua previamente adquirida torna o processo de aquisição de uma L3 mais complexo do que o de aquisição de uma L2, uma vez

que o repertório linguístico daquele lhe permite procurar semelhanças entre as línguas já adquiridas e a nova, ao passo que um aluno monolíngue, iniciante na aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira, apenas tem como ponto de referência a sua L1. No caso de um aluno plurilíngue, este possui uma competência diferente que deve ser considerada como (Coste 2001):

- complexa;
- plural, na medida em que recolhe e combina as componentes de um repertório que pode ser desequilibrado e possuir (sub) competências parciais;
- “unitária”, que permite justamente, através de capacidades transversais, gerir em sincronia e em diacronia o referido repertório, fazendo-o evoluir e estabelecendo relações entre as suas diferentes componentes.

A aquisição de L3 envolve uma série de fatores e de efeitos resultantes das diferentes e várias possibilidades de interação entre as línguas adquiridas anteriormente e a nova língua-alvo (Safont Jordà 2005). Um aluno plurilíngue possui um conhecimento diferente da sua L1 e da sua L2, uma forma diferente de conhecimento linguístico e um sistema de processamento da linguagem distinto (Bono 2007; Jessner op. cit.). Neste sentido, podemos considerar dois tipos de influência linguística (De Angelis 2007): o primeiro corresponde à influência de uma determinada língua-fonte na língua-alvo; o segundo trata-se da influência simultânea de mais de uma língua na língua-alvo, havendo múltiplas fontes de conhecimento. Assim, podemos dizer que a possibilidade de transferências para a interlíngua é proporcional ao número de línguas conhecido pelo aluno (De Angelis & Selinker op. cit.). É este último tipo que nos interessa para o presente estudo.

No caso específico da aquisição lexical, um aluno de L3, cujo conhecimento dos itens lexicais na língua-alvo, sobretudo nos primeiros estágios de aquisição, se encontra incompleto ou cujos itens lexicais já adquiridos são insuficientes para expressar um determinado significado pretendido, pode selecionar lexemas equivalentes na sua interlíngua, com vista a ultrapassar lacunas na produção da L3, resultando, por vezes, em criações lexicais. Singleton e Little (1991: 73) apresentam três explicações para este fenómeno: estas criações “result from an incomplete mastery of orthographic conventions”; pode existir “cross-linguistic influence at work”; ou podem ser “a consequence of deficient coding in memory of items encountered in the language input”. Dewaele (op. cit.) também considera que nem todas as invenções ou criações lexicais são o resultado de transferência linguística. Podem ainda ser o resultado da incorreta ou incompleta informação de um determinado lema na língua-alvo. Neste caso, o aluno em vez de recorrer à informação contida em lemas de outras línguas faz um cálculo baseado no seu conhecimento das regras da língua-alvo e produz um lexema aproximado.

A distinção estabelecida por Ringbom (op. cit.) entre forma e sentido pode ajudar-nos

a identificar o tipo de informação que pode ser transferida a partir da língua materna e das línguas não maternas. Segundo o autor, quando o aluno possui uma competência elevada na L2 e inicia a aprendizagem de uma L3, é expectável que se verifique não só transferências formais como alguns decalques ou extensões semânticas. Quando não está envolvida nenhuma transferência de sentido, a transferência torna-se um fenómeno mais superficial e os desvios dos alunos são mais vistos como formas de empréstimo.

2. Fatores que afetam a transferência das línguas não nativas para a L3

A investigação em multilinguismo e transferência linguística identificou vários fatores que afetam a transferência de uma língua adquirida anteriormente para a língua-alvo e que levam o falante a produzir formas híbridas, as invenções lexicais que Dewaele (op. cit.: 476) define como “(...) very complex IL forms that could share lexical, morphological and phonological characteristics from all the languages known to the speaker” ou que De Angelis e Selinker (op. cit.: 43) designam de “[m]orphological interlanguage transfer” referindo-se a “the production of interlanguage forms in which a free or bound non-target morpheme is mixed with a different free or bound target morpheme to form an approximated target language word”.

Alguns desses fatores são relevantes para se explicar a influência das línguas não maternas na aquisição de uma L3.

Proximidade tipológica

A tipologia surge como um dos fatores mais importantes que determinam a transferência linguística (Dewaele, op. cit.; Williams & Hammarberg 1998). Alguns autores (Williams & Hammarberg op. cit.; Cenoz 2001; De Angelis & Selinker op. cit.; Hammarberg op. cit.; Ringbom op. cit.) consideram que a proximidade tipológica entre línguas facilita a transferência. Deste modo, os alunos tendem a fazer empréstimos das línguas previamente adquiridas que se aproximam mais tipologicamente da língua-alvo (Molnár op. cit.).

Perceiving and making use of cross-linguistic similarities to existing linguistic knowledge is important in the learner's striving to facilitate the learning task. L1 and other languages known to the learner clearly provide an essential aid, not a troublesome obstacle for learning a new language. (Ringbom 2007: 2).

Portanto, os alunos tendem, por um lado, a ativar os seus conhecimentos de outras línguas estrangeiras, mais próximas da L3, e a efetuar transferências a partir daquela que é percebida como sendo a mais próxima, mas que não corresponde necessariamente à real distância que existe entre elas (Kellerman 1983; De Angelis op. cit.), e, por outro lado, a diminuir o número de transferências quando as línguas em contacto são vistas como distantes (Singleton 2006). Ringbom (2001) afirma que a percepção da proximidade tipológica na transferência linguística é mais aparente no léxico. No seu estudo, o autor verificou que falantes com uma competência reduzida na L3 recorrem frequentemente a formas da L2, se

considerarem esta e a L3 próximas e portadoras de uma série de cognatos comuns.

Exposição a línguas não maternas

Alguns autores (e.g. Williams & Hammarberg op. cit.) creem que a exposição e o uso recentes de uma língua não materna anteriormente adquirida facilita a ocorrência de transferência para a língua-alvo, dado o fácil acesso à informação linguística armazenada na memória do falante. Neste sentido, Hammarberg (op. cit. p. 23) afirma que “L2 is activated more easily if the learner has used it recently and thus maintained easy access to it”. Portanto, parece-nos crível que na produção de uma língua-alvo não nativa, o aluno possa realizar transferências a partir de outra língua não materna à qual esteve recentemente e/ou está mais exposto.

Efeito da L2

A produção de L3 é caracterizada por um modo cognitivo designado ‘falar estrangeiro’¹ ou ‘modo de língua estrangeira’² (Selinker & Baumgartner-Cohen 1995; De Angelis & Selinker op. cit.), em que outra(s) língua(s) não materna(s) adquirida(s) pelo falante é (são) fonte(s) de transferência para a interlíngua, uma vez que há uma possível associação na mente do aluno plurilingue do caráter de *estrangeiridade* das palavras daquela(s) língua(s). Somos, pois, da opinião de Bono (2011: 44) quando afirma que “[b]oth the L3 and the L2 share a ‘foreign’ status that sets them apart from the L1, which is perceived as inherently non-foreign”. O efeito da L2 aplica-se sobretudo à aquisição do léxico. Os alunos de L3 tendem a produzir mais invenções lexicais do que os de L2 e a fonte de transferência é mais frequentemente a partir da L2 do que da L1 (Dewaele op. cit.). De acordo com De Angelis e Selinker (op. cit.), a transferência para a L3 de léxico considerado pelos alunos como *estrangeiro* pode ser preferido por estes, em detrimento de léxico da língua materna.

Competência linguística

Há um consenso generalizado entre os investigadores de que as transferências tendem a ocorrer sobretudo nos primeiros estágios de aquisição da L3 (Williams & Hammarberg op. cit.; Dewaele 2001; Hammarberg op. cit.), quando o nível de conhecimento do aluno nesta língua ainda é baixo e este necessita de preencher as suas lacunas linguísticas. No caso de alunos plurilingues, deve-se ter em conta a competência em todas as línguas que estes dominam. Hammarberg (op. cit.) e Ringbom (2001) consideram que a transferência de uma língua não materna para a L3 é favorecida se o aluno tiver uma competência elevada na L2.

¹ ‘talk foreign’

² ‘foreign language mode’

3. O estudo

3.1. Caracterização dos sujeitos

Para este estudo, foram analisadas 62 produções escritas de 62 alunos, com inglês como língua materna, do curso de português para estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Estas produções foram retiradas do *Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda (COPLE2)* que é atualmente financiado através do projeto *LeCIEPLE*.

O projecto *LeCIEPLE* visa criar um *Learner Corpus* de português língua estrangeira e língua segunda (PLE/L2), que sirva de suporte à investigação, à formação de professores, à construção de materiais didáticos e à adequação de estratégias de ensino a diferentes públicos.

O Corpus é constituído por textos escritos e orais produzidos por alunos dos cursos de PLE/L2 do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICLP – FLUL) e por candidatos a exames do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE – FLUL). Cada texto é acompanhado do perfil linguístico do seu autor.

Este grupo de alunos de português LE, inscritos nos cursos de PLE da FLUL, situa-se essencialmente ao nível universitário. A maioria deles, quando inicia a aprendizagem desta língua, já possui para além da respetiva língua materna, conhecimentos noutras línguas estrangeiras, principalmente em francês e espanhol, mas também em alemão, o que acaba por se refletir na aquisição da primeira (v. Tabela 1).

Tabela 1 Proficiência linguística indicada pelos informantes

Níveis	N.º de alunos	LE com maior proficiência linguística		
		Alemão	Espanhol	Francês
Elementar	26	0	21	5
Intermédio	19	4	7	8
Avançado	17	4	7	6
Total	62	8	35	19

O contacto com o português é feito numa fase avançada da formação destes alunos, sendo a terceira ou quarta língua que adquirem (v. Tabela 2), facto que deve ser tido em conta na análise dos resultados.

Tabela 2 Número de LE faladas, além do português

Níveis	N.º de alunos	Número LE faladas		
		1	2	3
Elementar	26	23	3	0
Intermédio	19	18	1	0
Avançado	17	14	3	0

Os informantes, dentro de cada nível, não constituem um grupo perfeitamente homogêneo, como esperável, uma vez que os fatores individuais de aprendizagem influenciam o nível em que cada um deles se insere. Neste estudo, optamos por não apresentar percentagens exatas das transferências lexicais realizadas pelos alunos enquadrados em diferentes níveis de língua dentro do mesmo grupo, por aquelas serem transversais à maioria dos informantes, por as diferenças percentuais não serem significativas e por o estudo não ter objetivos quantitativos.

3.2. Metodologia e resultados

Com base na análise de conteúdo do corpus escrito selecionado, constituído por 62 produções linguísticas, correspondentes ao número de alunos envolvidos no estudo, num total de 15066 palavras (nível elementar (A1 e A2) – 26 textos – 4624; nível intermédio (B1 e B2) – 19 textos – 4912; nível avançado (C1) – 17 textos – 5530), pretendemos verificar as influências que as outras línguas já adquiridas exercem na aprendizagem do PLE. Partimos da hipótese de que a frequência de transferências seria maior a partir das línguas não maternas do que do inglês. No sentido de a testarmos, foi feito um levantamento de todas as transferências realizadas pelos alunos ao nível do léxico, pois consideramos, tal como Molnár (op. cit.), que este desempenha um papel importante na aprendizagem das línguas e que a transferência a partir de línguas previamente adquiridas é mais evidente neste caso.

Da análise global dos dados, verificou-se que todas as transferências efetuadas ocorreram a partir das duas línguas estrangeiras mais dominantes no grupo (espanhol e francês).

Tabela 3 Total de transferências lexicais realizadas

Níveis	Número de palavras transferidas		Número de alunos a fazer transferências
	Lexicais	Gramaticais	
Elementar	57	4	8
Intermédio	48	5	10
Avançado	23	3	3
Total	128	12	21

A Tabela 3 mostra-nos que a maior quantidade de transferências se efetua no nível elementar e que diminui gradualmente de nível para nível, resultado de uma maior proficiência linguística que os alunos vão adquirindo, separando progressivamente as línguas-alvo. Ainda que o número de alunos a fazer transferências tenha aumentado ligeiramente do primeiro para o segundo nível, o número de transferências baixou. Podemos ainda constatar

que o número de palavras plenas transferidas (91%) é bastante superior ao número de palavras gramaticais (9%).

Tabela 4 Número de transferências lexicais por língua-fonte

Níveis	Francês		Espanhol		Inglês		Total
	Palavras lexicais	Palavras gramaticais	Palavras lexicais	Palavras gramaticais	Palavras lexicais	Palavras gramaticais	
Elementar	4	0	49	4	4	0	61
Intermédio	1	0	47	5	0	0	53
Avançado	0	0	23	3	0	0	26
Total	5	0	119	12	4	0	140

Do total das transferências, constatamos que 93,5% tiveram como língua de partida o espanhol, 3,5% o francês e 3% a língua materna, o inglês. Os resultados da Tabela 4 demonstram que o espanhol é a principal fonte de transferência e que não existe grande discrepância entre o número de transferências proveniente do francês e do inglês. De algum modo, estes dados relacionam-se com os valores apresentados na Tabela 1, pois a maioria dos informantes indicou ter uma maior proficiência em espanhol, seguido, em menor número, do francês, e, por fim, o alemão, que não revelou qualquer influência nas produções escritas.

Nos textos analisados, tivemos em atenção a adequação lexical, a grafia e a morfologia das palavras; encontrámos diversas formas híbridas compostas, sobretudo, a partir do léxico espanhol, mas também com algumas ocorrências do francês. Formas que se assemelham ao português, mas cuja grafia não corresponde a nenhuma delas. Exemplificamos nas duas tabelas seguintes:

Tabela 6 Formas híbridas compostas a partir do francês

Níveis	Forma híbrida	Palavra francesa	Palavra portuguesa
Elementar	ameliorar	améliorer	melhorar
Elementar	europeanos	européens	européus

Tabela 7 Formas híbridas compostas a partir do espanhol

Níveis	Forma híbrida	Palavra espanhola	Palavra portuguesa
Elementar	quemou	quemó	queimou
Elementar	sociaveles	sociables	sociáveis
Intermédio	avaliações	evaluaciones	avaliações
Intermédio	extrangeiros	extranjeros	estrangeiros
Avançado	perigoso	peligroso	perigoso
Avançado	desporte	deporte	desporto

Nas duas tabelas acima, observa-se uma criação neológica, formada por elementos correspondentes às duas línguas em contacto. Os informantes já demonstram conhecer a estrutura das palavras em português, a utilização correta de algumas desinências. Todavia, a sua competência linguística em português, sobretudo nos dois primeiros níveis, ainda apresenta limitações, pelo que o aprendente produz, de modo não intencional, formas da interlíngua que consistem na junção de segmentos parciais da L2 e da L3, tentativas de adaptação fonológica e morfológica ao português, como a sua grafia revela.

Ao nível idiossincrático, verifica-se também que o espanhol constitui a principal fonte de transferência, havendo, contudo, ocorrências a partir do francês e do inglês.

(1) Exemplos de transferência do espanhol:

Hoje para o pequeno almoço fuimos a um restaurante local. (en007CVMTD)

‘Hoje, ao pequeno-almoço, fomos a um restaurante local.’

a economia está creciendo, e a deuda está baixando. (en053CVMTD)

‘a economia está a crescer e a dívida está a baixar’

no primer dia de Septiembre (en065CVETD)

‘no primeiro dia de setembro’

Hola de Lisboa (en68CAITF)

‘Olá de Lisboa’

(2) Exemplo de transferência do francês:

no sud do país (En049CVMTD)

‘no sul do país’

(3) Exemplos de transferência do inglês:

Nas ruas bebendo alcohol. (en036CVETD)

‘Nas ruas bebendo álcool.’

num barco pequeno de rubber. (en044CVETF)

‘num pequeno barco de borracha.’

Foram ainda detetados alguns decalques semânticos realizados a partir do espanhol, do francês e do inglês, como se pode observar através dos exemplos seguintes.

(4) Decalque semântico a partir do francês

Nós tentamos comida diferente – frutos do mar [fruits de mer] (en034CVETD)

‘Nós tentámos uma comida diferente – marisco.’

(5) Decalque semântico a partir do espanhol

moramos num mundo mais avançado enquanto ao [en cuanto a] tratamento dos animais... (En030CAATF)

‘moramos num mundo mais avançado quanto ao tratamento dos animais...’

- (6) Decalque semântico a partir do inglês

Por outra mão [On the other hand], podem ser perigosas as tecnologias.

(en036CVETD)

‘Por outro lado, podem ser perigosas as tecnologias.’

Considerando o elevado número de palavras que compõem o corpus analisado, salientamos o facto de o número de transferências lexicais (morfológicas) ser reduzido, inclusive nas produções dos alunos do nível elementar, o que nos leva a crer que o seu conhecimento lexical é elevado.

Os resultados apresentados permitem-nos também inferir que estes informantes são conscientes quanto à proximidade tipológica entre o português, o espanhol e o francês e, conseqüentemente, recorrem a estas duas línguas para preencher falhas que sentem na produção da primeira. Têm ainda consciência de que o léxico e as estruturas do inglês não se assemelham tanto às do português, por ser uma língua germânica. Por essa razão, parece-nos claro que a proximidade tipológica é um fator que influencia as transferências para a interlíngua destes alunos, confirmando o que Hammarberg (op. cit.: 22) sustenta “influence from L2 is favoured if L2 is typologically close to L3, especially if L1 is more distant”.

Podemos ainda constatar que a exposição a línguas não maternas e o efeito da L2 são mais dois fatores que influenciam as transferências que estes alunos realizam. O primeiro fator manifesta-se, por um lado, por o espanhol e o francês serem as L2 dos informantes e, portanto, as línguas estrangeira privilegiadas e com as quais têm mais contacto, o que potencializa a transferência lexical para o português (Poullisse 1997; Williams & Hammarberg op. cit.; Hammarberg op. cit.). O segundo fator, influenciado pela distância tipológica entre a L1 e a L3, facilita a transferência a partir das línguas não maternas, pelo seu caráter de *estrangeiridade*, pois “[t]he use of an interlanguage, perceived by the speaker as ‘foreign’, may well be preferred over the use of the native language because it ‘sounds’ more foreign than the native language does” (De Angelis & Selinker op. cit.: 56).

A competência linguística na L3 trata-se de outro fator a ter em consideração, dado que a proficiência destes informantes em português é inferior comparativamente à da(s) outra(s) L2; por isso, é previsível que se realizem transferências lexicais destas para a primeira. Corroboramos, pois, a opinião de Ringbom (2001: 63) quando este refere que “[i]n a situation where a learner who is very proficient in his L2 starts learning an L3 and hears the L2 around him, we can expect to find not only formally based L2-transfer, but also a few calques or semantic extensions errors”. Relembramos que o corpus recolhido compreende

produções escritas de alunos situados entre os níveis A1 e C1, de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência*. Parece-nos, portanto, que os alunos, sobretudo nos níveis mais baixos, sintam necessidade de recorrer aos conhecimentos linguísticos previamente adquiridos em espanhol e em francês para ultrapassar as dificuldades enfrentadas na língua-alvo.

Conclusão

A revisão da literatura sobre transferência lexical na aquisição de uma L3 permitiu-nos sustentar o nosso estudo, no qual demonstramos aspetos da aquisição multilingue que não são visíveis em alunos de L2, que apenas possuem um conhecimento linguístico prévio da sua L1.

Os resultados obtidos neste estudo, realizado com informantes na sua maioria plurilingues, permitiram-nos obter respostas para as nossas perguntas de partida, ou seja, as transferências lexicais para o português L3 acontecem maioritariamente a partir de outras línguas não maternas, nomeadamente o espanhol e o francês, e não da língua materna. Enquanto esta desempenha uma função importante na aquisição de uma L2, na aquisição multilingue, como vários estudos o demonstram, não está necessariamente envolvido um conhecimento linguístico idêntico.

Os resultados comprovaram ainda que há alguns fatores que influenciam a transferência lexical das línguas previamente adquiridas para a língua-alvo. Os informantes demonstraram, por exemplo, ter consciência da distância tipológica entre o inglês e o português, evitando a primeira como possibilidade de língua-fonte. Já a exposição a outras línguas estrangeiras românicas e a maior proficiência que possuem em pelo menos uma delas influenciam a aquisição do português L3.

Referências

- Bono, Mariana (2011): Crosslinguistic Interaction and Metalinguistic Awareness in Third Language Acquisition. In: G. De Angelis/ J.-M. Dewaele (eds.), *New Trends in Crosslinguistic Influence and Multilingualism Research*. Bristol: Multilingual Matters, pp. 25-52.
- Bono, Mariana (2007): La comparaison L2-L3, un tremplin vers l'acquisition trilingue. In: *BISAL*, 2, 22-41.
- Cenoz, Jasone (2001): The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in third language acquisition. In: J. Cenoz/ B. Hufeisen/ U. Jessner (eds.), *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 8-20.
- Cenoz, Jasone (2003): The additive effect of bilingualism on third language acquisition: a review. In: *The International Journal of Bilingualism*, 7 (1), 1-5.
- Cenoz, Jasone/ Hufeisen, Britta/ Jessner, Ulrike (eds.) (2001): *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters.

Cook, Vivian (1996): Competence and multi-competence. In: G. Brown/ K. Malmkjaer/ J. Williams (eds.), *Performance and Competence in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 57-69.

Coste, Daniel (2001): La notion de compétences plurilingue et ses implications possibles. In *Actes du séminaire – L'enseignement des langues vivantes. Perspectives*. Paris: Direction de l'Enseignement scolaire/ CRDP Versailles, pp. 29-38.

De Angelis, Gessica (2007): *Third Additional Language Acquisition*. Clevedon: Multilingual Matters.

De Angelis, Gessica/ Selinker, Larry (2001): Interlanguage Transfer and Competing Linguistic Systems in the Multilingual Mind. In: J. Cenoz/ B. Hufeisen/ U. Jessner (eds.), *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 42-58.

Dewaele, Jean-Marc (2001): Activation or Inhibition? The Interaction of L1, L2 and L3 on the Language Mode Continuum. In: J. Cenoz, B/ Hufeisen/ U. Jessner (eds.), *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 69-89.

Dewaele, Jean-Marc (1998): Lexical inventions: French interlanguage as L2 versus L3. In: *Applied Linguistics*, 19, 471-90.

González Piñeiro, Manuel/ Guillén Díaz, Carmen/ Vez, José Manuel (2010): *Didáctica de las lenguas modernas. Competencia plurilingüe e intercultural*. Madrid: Editorial Síntesis.

Grosjean, François (2001): The Bilingual's Language Modes. In: J.L. Nicol (ed.), *One Mind, Two Languages: Bilingual Languages Processing*. Oxford: Blackwell, pp. 1-22.

Hammarberg, Björn (2001): Roles of L1 and L2 in L3 Production and Acquisition. In: J. Cenoz/ B. Hefeisen/ U. Jessner (eds.), *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 21-41.

Herdina, Philip/ Jessner, Ulrike (2000): The dynamics of a third language acquisition. In: J. Cenoz/ U. Jessner (eds.), *English in Europe – The Acquisition of a Third Language*. Clevedon, Multilingual Matters, pp. 84-98.

Jarvis, Scott/ Pavlenko, Aneta (2008): *Crosslinguistic Influence in Language and Cognition*. Abingdon: Routledge.

Jessner, Ulrike (1999): Metalinguistic Awareness in Multilinguals: Cognitive Aspects of Third Language Learning. In: *Language Awareness*, 8 (3&4), 201-209.

Jessner, Ulrike (2008): Teaching third languages: findings, trends and challenges. *Language Teaching*, 41 (1), 15-56.

Kellerman, Eric (1983): Now you see it, now you don't. In: S. M. Gass/ L. Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House, pp. 121-134.

Molnár, Timea (2008): Second language versus third language vocabulary acquisition: A comparison of the English lexical competence of monolingual and bilingual students. In: *Toronto Working Papers in Linguistics (TWPL)*, 33. Consultado a 17 de julho de 2015, em:
<http://twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/article/view/6893/12728>.

Odlin, Terence (1989): *Language transfer. Cross-linguistic Influence in Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press.

Poulisse, Nanda (1997): Language production in bilinguals. In: A. M. B. de Groot/ J. Kroll (eds.), *Tutorials in Bilingualism. Psycholinguistic Perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 201-224.

- Ringbom, H. (2001). Lexical Transfer in L3 Production. In J. Cenoz, B. Hefisen & U. Jessner (eds.), *Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition: Psycholinguistic Perspectives* (pp. 59-68). Clevedon: Multilingual Matters.
- Ringbom, Hakan (2007): *Crosslinguistic similarity in foreign language learning*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Rothman, Jason/ Iverson, Michael/ Judy, Tiffany (2011): Some notes on the generative study of L3 acquisition. *Second Language Research*, 27 (1), 5-19.
- Safont Jordà, Maria P. (2005): *Third language learners. Pragmatic Production and Awareness*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Selinker, Larry/ Baumgartner-Cohen, Beatrice (1995): Multiple language acquisition: 'Damn it, why can't I keep these two languages apart?'. In: *Language, Culture and Curriculum*, 8 (Special issue: *Multilingualism and language learning*), 115-121.
- Sharwood Smith, Michael (1994): *Second Language Acquisition: Theoretical Foundations*. London: Longman.
- Singleton, David (2006): Lexical transfer: Interlexical or intralexical?. In: J. Arabski (ed.), *Cross-linguistic Influences in the Second Language Lexicon*. Clevedon: Multilingual Matters, pp. 130-143.
- Singleton, David/ Little, David (1991): The second language lexicon. Some evidence from university-level learners of French and German. In: *Second Language Research*, 7 (1), 61-81.
- Thomas, Jacqueline (1992): Metalinguistic awareness in second – and third – language learning. In: R. Harris (ed.), *Cognitive processing in bilinguals*. Amsterdam: North Holland, pp. 531-545.
- Williams, Sarah/ Hammarberg, Björn (1998): Language switches in L3 production: Implications for a polyglot speaking model. In: *Applied Linguistics*, 19, 295-333.